



Ermelinda Neves
Soito da Ruiva

Ficha Técnica

Editor

Trenmo Engenharia, Lda

Fotografia da Capa

Olívia Silva

Museu da Pessoa

Responsável Editorial

Jorge Gustavo Rocha

Entrevista

Liliana Monteiro

Ana Isabel Fernandes

Transcrição

Liliana Monteiro

Edição da História de Vida

Liliana Monteiro

Revisão

Filipa Rodrigues

Liliana Monteiro

Design

Ana Lopes

ISBN

978-989-8172-04-4

Prefácio

Soito da Ruiva encantou-me desde a primeira vez que a visitei! O motivo da minha atracção não foi desde logo evidente para mim, mas fui descobrindo nas visitas seguintes: lugar e identidade andam lado a lado neste espaço carregado de símbolos, memórias e significações.

Penso que não se poderá falar desta aldeia e das suas gentes, sem se falar do espaço físico que habitam. Soito da Ruiva é uma aldeia completamente pedonal, onde o automóvel é obrigado a permanecer na entrada da aldeia. O espaço público é um espaço na escala humana, criando proximidade e facilitando o convívio. E esta “humanidade” do lugar tem reflexo na identidade da sua população, generosa e alegre, abrindo os seus lares, tal como a aldeia se abre à confraternização.

Surge assim este projecto, cujo objectivo é ajudar a valorizar a aldeia divulgando o valor das suas gentes! No entanto, não se pretende descrever as características gerais desta população, mas sim focar as experiências de cada um dos seus habitantes, a sua relação no espaço da aldeia, retratando o funcionamento desta comunidade!

Álvaro Costa

Ermelinda Neves

Ermelinda Rosa das Neves nasceu a 9 de Fevereiro de 1950, em Soito da Ruiva. É filha de António Bento Neves e Laurinda Rosa, ambos também de Soito da Ruiva. Da infância recorda os tempos que passou na escola, dos erros que dava e da professora que ralhava muito com ela. Trabalhou toda a vida na agricultura. Viveu com a mãe até ao seu falecimento. Agora vive com a irmã Arminda e o cunhado, Manuel Grácio. Ajuda a irmã no trabalho da casa, na confecção do queijo e da broa. Gosta de ver televisão. Devota de Nossa Senhora de Fátima tem pena de não puder ir à missa com mais frequência, mas assiste à celebração pela televisão e reza o terço todos os dias.

Conteúdo

Identificação <i>Ermelinda Rosa das Neves</i>	4
Ascendência <i>Laurinda Rosa e António Bento Neves</i>	4
Casa “ <i>Toda de madeira</i> ”	4
Infância “ <i>Botavam as panelas de umas para as outras</i> ”	5
Educação “ <i>Até escrevia bem</i> ”	5
“ <i>Ela batia-me muito</i> ”	6
Migração “ <i>Não se ganhava cá dinheiro</i> ”	6
Casamento “ <i>Sinto-me bem assim</i> ”	8
Quotidiano <i>Entre os animais e as fazendas</i>	8
<i>Enleirar o milho</i>	8
“ <i>Tender é que não me ajeito nada</i> ”	10
“ <i>Da panela para o achincho</i> ”	11
“ <i>Não havia cá médico</i> ”	11
“ <i>O médico vinha a cavalo</i> ”	11
Costumes <i>Entre danças</i>	12
“ <i>Máscaras muito feias</i> ”	14
“ <i>Trazem a Cruz</i> ”	14
“ <i>São Lourenço, o nosso padroeiro</i> ”	14
<i>Sabores típicos</i>	15
<i>Chouriças de trigo, de farinha, de carne e de sangue</i>	15
Religião “ <i>Sou devota de Nossa Senhora de Fátima</i> ”	16
Lugar “ <i>Está tudo melhor</i> ”	16
Avaliação	17



Fotografia 1: Ermelinda Neves. Soito da Ruiva, Março de 2007.

Identificação *Ermelinda Rosa das Neves*

O meu nome é Ermelinda Rosa das Neves. Nasci no Soito da Ruiva a 9 de Fevereiro de 1950. Tenho 57 anos.

Ascendência *Laurinda Rosa e António Bento Neves*

A minha mãe chamava-se Laurinda Rosa e o meu pai António Bento Neves. Ambos eram de Soito da Ruiva, nasceram aqui. Tenho dois irmãos. Sou a filha do meio. Ainda tenho um irmão mais novo quatro anos, o Manel.

O meu pai andou em Lisboa a trabalhar na cortiça. A minha mãe esteve sempre em Soito da Ruiva a trabalhar.

Conheci os meus avós da parte da minha mãe. E da parte do meu pai só conheci o meu avô. Os meus avós também trabalhavam. O pai do meu pai sei que tinha uma ovelha. Os pais da minha mãe trabalharam muito também na terra.

Casa “*Toda de madeira*”

Nasci numa casa, junto à Torre do Relógio, mais o meu irmão. A minha irmã ainda nasceu na casa da minha

prima. Só que depois o meu pai comprou a casa junto à Torre do Relógio e fomos todos para lá morar, os meus pais, a minha irmã Arminda, eu e o meu irmão Manel.

A casa era toda de madeira. Tinha um quarto, uma sala grande, uma salita mais pequena, a cozinha e o andar de baixo. No andar de baixo tínhamos arcas e ferramentas. Era como se fosse uma arrumação.

Morei sempre nessa casa, só saí de lá quando a minha mãe faleceu. Ainda fez só cinco anos. Este Agosto que vem é que faz seis anos que faleceu. Nessa altura vim morar para o pé da minha irmã.

Infância “*Botavam as panelas de umas para as outras*”

Eu tinha muitos amigos e agora também. Toda a gente nos trata bem e nós também os tratamos bem. Eu tinha uma rapariga que era muito minha amiga, a enteada da Isaura, ainda é. Quando cá veio pela festa também perguntou por mim, gostava de me ver mas eu não estava cá. Mas era muito minha amiga.

Quando éramos mais pequenas fazíamos alguns jogos. Fazíamos um jogo na terra e depois andávamos a jogar com umas pedras, era o jogo da semana. Também havia um jogo com umas panelas velhas. As raparigas punham-se em roda e depois botavam as panelas de umas para as outras. As panelas estavam vazias e se deixassem cair partiam-se.

Educação “*Até escrevia bem*”

Eu e o meu irmão mais novo andámos na escola perto da Torre do Relógio, em Soito da Ruiva. Eu morava mesmo em frente à escola, era só subir até ao portão, descer a outra escada e estava logo na escola. Já a minha irmã e o meu irmão que está em Lisboa andaram na escola do Sobral Magro.

Recordo-me que a minha escola tinha muitas crianças. Eu sentava-me atrás dos outros miúdos. Para es-

crever tínhamos cadernos e lápis, mas também tínhamos umas pedras. E os livros eram para ler.

Para cá só vinham professoras. Para mim algumas eram más, batiam muito. Até escrevia bem, mas dava muitos erros. Quando isso acontecia mandavam logo fazer uma cópia.

“Ela batia-me muito”

Recordo-me que estava cá uma professora que batia muito. Uma vez, a mãe da prima Isilda andava a regar do outro lado numa fazenda e ouviu-me chorar. Chegou a casa e ralhou muito com a minha mãe:

- "Ó Laurinda, por que é que tu não vais tirar aquela rapariga da escola, que elas dão-te cabo dela."

Eu chorava muito.

Já não sei quanto tempo andei na escola. Sei que vi-eram professoras mas depois foram-se embora e estiveram muito tempo sem vir. Quando uma das professoras voltou para dar escola aos miúdos, havia uma malta de raparigas que lhe pediu para nos ensinar à noite. Então, à noite íamos para casa dela. Foi assim que fiz o exame da 4^a classe de adultos em Arganil.

Migração “Não se ganhava cá dinheiro”

Em Soito da Ruiva havia muitos homens que foram trabalhar para fora, para Lisboa. Não se ganhava cá dinheiro e eles tinham que ir ganhar algum para as famílias. Só assim é que a gente podia comprar alguma coisa.

O meu pai trabalhava na Piedade na cortiça. Contava que havia uma casa, diziam que era a Casa da Malta, onde ficavam os homens daqui a dormir. Lá faziam o comer, dormiam e depois de manhã iam trabalhar.

O meu cunhado foi trabalhar para o peixe. Primeiro, andou na Ribeira e depois foi para a Docapesca. Ele morava na Calçada dos Cesteiros, numa casa com muita gente.



Fotografia 2: Ermelinda Neves (à dir.), com a mãe, Laurinda Rosa, no dia do casamento do sobrinho Carlos.

As mulheres ficavam cá a trabalhar, os maridos não as levavam. Havia alturas que os maridos vinham cá para ajudar na lida do campo. O meu pai e o meu cunhado também vinham cavar a terra. Depois iam embora e nós ficávamos cá a semear o milho e o feijão. Depois sachávamos o milho e empalhava-se. Era assim. A minha mãe cavou muito sozinha, porque nós ainda éramos pequenos.

Hoje, ainda existe muita gente a morar em Lisboa e na Piedade. Na Piedade é onde há mais gente daqui talvez. O meu irmão e o meu sobrinho Carlos moram lá.

Eu já fui lá. Já estive em casa do meu irmão Manel. E agora quando a gente vai para Lisboa vou sempre com

a minha Arminda. Vou para casa do filho, o Carlos. Ele tem lá uma pastelaria. Gosto de ir para lá porque tratam-me bem, mas é diferente de Soito da Ruiva. Nunca fiquei lá a morar. Ia a Lisboa às vezes passar um tempo, mas vinha para cá outra vez.

Casamento “*Sinto-me bem assim*”

Eu não sou casada. Nunca tive namoricos, pois sentia-me bem assim. Sinto-me tão bem aqui ao pé da minha irmã e do meu cunhado. Sinto-me bem assim.

Lembro-me do casamento da minha irmã. Eu e o meu irmão, que está em Lisboa, éramos pequenos e por isso não ajudámos muito. Lembro-me que estava muita gente e que fomos à missa na capela de Soito da Ruiva.

Quotidiano *Entre os animais e as fazendas*

Nós tínhamos animais: gado, galinhas e, com licença, os porcos e coelhos também. Estes serviam para coisas diferentes. As galinhas eram para cozinhar e tirava-se os ovos. As cabritas eram para dar o leite e depois fazia-se o queijo. Também tivéramos ovelhas, que também davam leite. Depois, a gente misturava esse leite com o das cabras e fazíamos um queijo que era diferente.

Quando o meu pai foi para Lisboa, a minha mãe ficou cá na terra a trabalhar. Cultivávamos milho, batatas e feijão. Tudo o que cultivávamos era para casa, a gente não vendia nada.

Enleirar o milho

Para semear o milho, primeiro a gente cava a terra. Depois quando chega o tempo de semear, a gente semeia o milho. Quando já está grandinho, a gente mete feijão, assim no meio, no rego ao pé do milho. E quando o milho está crescido a gente rala. Cá a gente diz que é ralar o milho. Depois era sachar, quer dizer pôr mato do gado de volta das canas e do feijão. Quando estava assim maneiras, ia-se buscar a água ao ribeiro. Depois, abria-se



Fotografia 3: Ermelinda Neves à porta do curral das cabras (loja). Soito da Ruiva, Março de 2007.

um rego por cima e andava um senhor ou uma senhora a fazer uns cortezinhos no rego para a água escorrer e poder amassar aquele esterco com um sacho, que é o que a gente chama de enleirar o milho.

Depois de estar crescido, quando tinha a bandeira, cortava-se. A bandeira é uma coisinha alta que a cana deita e depois corta-se rente na espiga. Então, quando o milho tinha já a espiga loura, tira-se a folha e seca-se para deitar ao gado no Inverno. Depois apanha-se o milho. É altura de debulhar o milho e pô-lo nuns toldos a secar ao sol. Ainda antes de se fazer a debulha, usava-se umas estacas ou um riscador para malhar o milho. O riscador era para fazer um risco ao meio da espiga para ajudar a fazer a debulha. Assim já se debulhava bem.

Depois deitava-se ao sol nos toldos e quando estava seco erguia-se e trazia-se numas sacas para a arca. Dali é que ia para o moinho e fazia-se a farinha.

Com a farinha fazemos a broa, mas antigamente também havia o carolo. Era bom. O carolo é parecido com o arroz, mas era mais amarelo. É como se fosse uma papa. Já há muito tempo que não comemos carolo.

“Tender é que não me ajeito nada”

Eu ainda faço broa. Sei amassar, pôr dentro do forno, varrer o forno também. Tender é que não me ajeito nada. É preciso uma tigela. Andam com a massa para ela se fazer redonda e deitam depois em cima da pá.

Mas antes de tender tem-se que fazer a massa. Põe-se a farinha na gamela, depois peneira-se a triga. Peneira-se um bocadinho de centeia, põe-se-lhe sal e um bocadinho de açúcar. E depois põe-se-lhe a água e a massa, o fermento, para levedar a broa. A seguir, amassa-se tudo e deixa-se levedar. Quando estiver assim um bocadinho já a levedar vai-se deitá-la ao forno. Esperam-se umas horitas para cozer bem. Quando estiver cozida tira-se e traz-se para a loja.

“Da panela para o achincho”

Para fazer o queijo de cabra, aquece-se o leite numa pinga de água quente, cõa-se, bota-se-lhe o fermento para coalhar e depois faz-se o queijo. Tira-se da panela para o achincho. O achincho é uma coisa redonda e tem uns buraquinhos nos lados. Depois ata-se-lhe um braço para segurar. Os buracos do achincho é para sair o leite e ficar só o queijo. Depois põe-se uma pinguinha de água fria para se lavar por fora do achincho e um bocadinho de sal. À noite vira-se para o outro lado para se lhe pôr mais um bocadinho de sal. Depois leva-se para a queijeira e ao outro dia tira-se-lhe o achincho e já fica um queijinho bom.

“Não havia cá médico”

Não havia médico em Soito da Ruiva. Antes, quando alguém estava doente ainda cá chegou a vir um senhor do Piódão. Eu também ainda lá fui. Ia a pé para o Piódão a um senhor que lá estava. Demorávamos muito tempo a chegar, ainda são muitas horas. Também havia um senhor na Benfeita, que era o Sr. Zé Augusto, que vinha cá ver as pessoas quando estavam doentes.

Quando a estrada chegou ao largo, que a gente diz que é a Malhada Chã, chegava lá um carro. Depois quando era para levar as pessoas, iam por um carreiro no meio do mato e o carro estava à espera e levava-as então a Coja, ao médico.

As mulheres tinham os filhos em Soito da Ruiva. Eram umas senhoras, que já faleceram, que faziam os partos. Também houve alturas em que foi preciso chamar o médico.

“O médico vinha a cavalo”

Uma vez foi preciso chamar o médico para a minha irmã. Um padrinho dela foi chamá-lo. Estava aí mais um primo nosso e como tinha carro foram chamá-lo. Mas houve alturas em que tinham que ir chamar o médico a pé. O

médico vinha a cavalo. Umás vezes até chegava primeiro do que as pessoas que iam chamá-lo.

Quando alguém se alejava, se torcesse um pé ou assim, não era preciso médico. Havia quem cá rezasse ao estrutagado. A mãe da minha prima Isilda fazia isso. Ao partido não, porque no partido tinham que abalar logo para os médicos, mas ao estrutagado sim.

Antigamente, as noites passavam-se junto à lareira. Quando íamos para casa juntávamo-nos na cozinha, de volta do lume, a falar.

Agora, o meu dia-a-dia é mais sossegado. De manhã, levanto-me, preparo-me e vou tomar o pequeno-almoço. Agora já não tomo leite das cabras como antigamente. Depois vou buscar um molhinho de mato ou de lenha. A lenha é para a gente se aquecer e o mato é para pôr debaixo das cabritas na loja. Ponho o mato para dentro e elas andam lá dentro. Depois quando a loja está cheia de mato, nós tiramos e pomos mato limpo.

Quando se vem de lá, almoça-se. À tarde vamos, às vezes, botar as cabritas ao sol para as fazendas. Quando está a chover não vão para a rua, ficam na loja. Pomos lá comer e já não têm que vir para a rua.

Se não nos der para ir botar o gado, vamos um bocadinho para o sol e estamos sentados, junto ao portão da escola, a falar.

Costumes *Entre danças*

Lembro-me de andarem aí a dançar de noite nas casas quando era pelo Carnaval. Ainda dançaram na casa que é do meu irmão, que tem um terraço à porta.

Quando era pelo Entrudo havia pessoas, que já morreram, que traziam uns cestos no braço com chouriças dentro. Andavam pelas portas, com os cestos assim no braço. Não era para vender. Aquelas chouriças traziam-nas de casa deles e era só para andarem assim pelas portas, com o cestito no braço.

Também se mascaravam. Primeiro, não eram assim



Fotografia 4: Ermelinda Neves (ao centro), com o Arménio (à dir.) e Manuel Mendes (à esq.) no baptizado da sobrinha Cátia.

máscaras como agora. Eram outras coisas. Sujavam a cara com carvões da fogueira e ainda agora o fazem.

“Máscaras muito feias”

A prima Anita mais umas raparigas de cá há pouco tempo vestiram-se todas de mascarados. Era Carnaval e tinham umas máscaras muito feias. E quando fui abrir a porta, a porta encostou-se e escondi-me ao pé da porta da casa de banho. Era a minha prima, a Rosa, que tinha uma máscara que metia muito medo.

“Trazem a Cruz”

Na Páscoa, cada um fica em sua casa, porque trazem a Cruz para a gente beijar. É um senhor de Sobral Magro que traz a Cruz e um senhor de Espinho lê. Também vêm os mordomos a acompanhar. Nesse dia costumamos enfeitar a mesa com uma toalha bonita, um ramo de flores e a imagem de Nossa Senhora de Fátima.

“São Lourenço, o nosso padroeiro”

Antigamente faziam-se aqui festas religiosas, e agora também. Ainda se celebra o São Lourenço, o nosso padroeiro.

Nas vésperas, as senhoras que pertencem à Comissão de Melhoramentos enfeitam os andores. Temos cinco andores: o Santo António, a Nossa Senhora das Dores, o São José, o São Lourenço e a Nossa Senhora de Fátima. No dia da festa, vem o senhor prior e diz a missa. Vem a música, faz-se a procissão e depois levam-se as ofertas para a capela e deitam-nas ao lanço. No fim, vem-se almoçar e depois vão para o baile.

A festa é no largo, na entrada da povoação, junto à casa da prima Ana. Fazem um bailarico. Vem um conjunto também e depois dançamos. Às vezes, também vou dançar.

Sabores típicos

Quanto a bolos, fazemos cá alguns bolos com os ovos das nossas galinhas. Fazemos pão-de-ló, bolos da fogueira, bolos de forno e tigelada. Os bolos da fogueira são os coscoréis.

Para fazer coscoréis precisamos de ovos, um bocadinho de água quente, um bocadinho de leite e põe-se-lhe, parece que um bocadinho, de aguardente também. Depois amassa-se e deixa-se levedar. Faz-se uma bolita e começa-se a esticá-los e ficam os coscoréis. É uma massa inteira.

As tigeladas são simples de se fazer, apenas precisamos de ovos, açúcar e leite.

Os bolos do forno são tirados do alguidar para se fazer umas bolinhas. Depois, são postos numas latas e crescem.

Chouriças de trigo, de farinha, de carne e de sangue

Além dos bolos, havia as chouriças de trigo e de farinha que se faziam depois da matança do porco. Não me recordo bem em que altura é que se faz a matança. Não sei se é em Dezembro.

Sei que quando se matava chamavam-se as pessoas de manhã para virem tomar o pequeno-almoço e depois iam matá-lo. Queimava-se-lhe o pêlo, lavava-se e depois levava-se umas facas para raspar. Depois abriam e íamos lavar as tripas, lá adiante, ao ribeiro.

Migava-se a carne nas vésperas, para estarem a tomar-se do sal, mas só se enchia ao outro dia. Enchíamos as tripas de carne e outras de farinha. E também costumavam, agora não sei se ainda fazem, fazer chouriças de trigo. Para fazer as chouriças de trigo, punham a banha, migavam a banha e o pão, punham água e amassavam tudo com um bocadinho de azeite.

Para as chouriças de farinha, peneirava-se farinha para a gamela, depois cozia-se os ossos de porco num caldeiro. Punham aquele caldo na farinha e amassavam. Tanto as chouriças de trigo como as de farinha também iam para o fumeiro.

Também havia chouriças de carne e de sangue. Depois de enchidas as tripas, punha-se em cima do lume e depois estavam lá para aí duas semanas a secar. Depois punha-se no óleo para estarem mais frescas. Quando eram precisas, íamos lá buscar.

Religião “*Sou devota de Nossa Senhora de Fátima*”

Eu sou católica. Quando era mais nova a minha mãe costumava rezar connosco e íamos todos juntos à missa.

Andei na catequese em Pomares. Íamos a pé de Soito da Ruiva a Pomares, demorávamos muito tempo a chegar, talvez duas horas. Quando andávamos na escola, a gente ia mais amiúde à doutrina. Recordo-me quando fiz a Primeira Comunhão. Era muita gente nessa altura. Eu levava um vestido branco comprido e um véu.

Hoje, vamos à missa quando cá vem o Sr. Prior. Da última vez que veio confessei-me na capela e outras pessoas também. Só cá vem de mês a mês, não pode cá vir mais porque tem as outras igrejas para dizer a missa. Na altura das festas vem cá dizer a missa, por exemplo em Abril, na Páscoa.

Sou devota de Nossa Senhora de Fátima. Sou muito religiosa. Vou muitas vezes à missa, rezo o terço à noite mais a minha Arminda. Rezamos todos quando está a dar na telefonia. Tomara que as igrejas fossem mais perto, que eu gosto de ir à missa.

Lugar “*Está tudo melhor*”

A aldeia mudou muito. As Comissões de Melhoramento fizeram um bom trabalho. Antigamente não tínhamos luz, água e saneamento. Não tínhamos quase nada. Agora está tudo melhor.

A aldeia tem muita coisa bonita para se ver. Tem a capela, que está bonita, a casa da Comissão e há aí muitas casas bonitas já, que não havia primeiro.

Avaliação

Achei bem esta ideia da Comissão e do Professor Álvaro.
É uma coisa boa.